

**“QUEM ERA EU AGORA—MULHER OU HOMEM?”: SUBVERTENDO GÊNERO CORPORIFICADO NO ROMANCE DE LESLIE FEINBERG, *STONE BUTCH BLUES***

**“WHO WAS I NOW—WOMAN OR MAN?” SUBVERTING THE GENRE EMBODIED IN LESLIE FEINBERG’S ROMANCE-*STONE BUTCH BLUES***

Renata Lucena Dalmaso  
Mestre em Letras  
Universidade Federal de Santa Catarina  
([rldalmaso@gmail.com](mailto:rldalmaso@gmail.com))

**RESUMO:** Partindo principalmente das teorias de Judith Butler sobre performatividade de gênero (1993) e de Judith Halberstam sobre masculinidade feminina (1998), este estudo procura explorar as estratégias narrativas na representação de masculinidades femininas e a perda do status ontológico associado com o corpo engendrado que essas narrativas consequentemente abordam. Este estudo, portanto, é focado na subversão, ou *queering*, do corpo engendrado, onde a perda de legibilidade e suas consequências transformam-se na própria base da identidade de um dado sujeito. O romance de Leslie Feinberg, *Stone Butch Blues* (1993), pode ser visto, portanto, como um bom exemplo deste tipo de irresolução em relação ao corpo engendrado. A protagonista Jess é vista como alguém tentando lidar com a aparente incompreensibilidade de seu corpo depois de um período passando como homem e tomando hormônios. Eventualmente, para o personagem, a resolução vem, ironicamente, na forma da irresolução: com a aceitação do fato de que tal questão não precisasse ser respondida e que, talvez, nem precisasse ser perguntada para começo de conversa.

**Palavras-chave:** Corpo; Feminilidades; Estudos *queer*

**ABSTRACT:** Beginning particularly by Judith Butler’s theories, concerning on gender performativity (1993) and Judith Halberstam on female masculinity (1998), this study tries to explore the narrative strategies involved in the representation of female masculinity and the loss of the ontological status associated with the engendered body that these narratives, consequently, address to the issue. This study is, therefore, focused on subversion, or *queering*, of the engendered body, where a loss of legibility and its consequences become the very basis of the identity of a given subject. Leslie Feinberg’s *Stone Butch Blues* (1993) can be seen as a good example of this type of irresolution, regarding the engendered body. The protagonist Jess is seen as someone who is trying to deal with the apparent incomprehensibility of h/er body after a period of passing as a man and taking hormones. Eventually, for the character, the resolution comes, ironically, in the form of irresolution: with the acceptance that the question needed not to be answered and that, perhaps, needed not to be asked at all.

**Keywords:** Body; Femininities; Queer studies

À medida que a/o personagem Jess Goldberg, no romance de Leslie Feinberg *Stone Butch Blues*, tenta lidar com a aparente incompreensibilidade de seu corpo, depois de um período passando-se por homem, ela/e acaba colocando em questão o status ontológico do gênero corporificado dentro do sistema binário de sexo: “Quem era eu agora—mulher ou homem? Essa questão nunca poderia ser

respondida desde que essas fossem as únicas escolhas; nunca poderia ser respondida se tinha que ser feita” (1993, p. 222, minha tradução). Mas essa questão acaba sendo de uma forma ou outra sempre sendo feita, e essas duas opções realmente parecem ser as únicas disponíveis, ao menos para a maioria das pessoas. Feinberg, como ativista transgênero, tinha experiência em primeira mão das situações pelas quais a personagem Jess passa ao navegar pela sociedade norte-americana pré-Stonewall como uma lésbica *stone butch*. O romance atravessa várias décadas da vida de Jess, desde a adolescência, quando ela/e tinha problemas em se encaixar na escola, sendo alvo de *bullying* sistematicamente, até a vida adulta, quando ela/e procura desenvolver relacionamentos dentro da comunidade *butch-femme*. Narrado em estilo autobiográfico, Jess relata as dificuldades decorrentes da constante negociação de seu gênero ao longo de sua vida, primeiro por parecer masculina demais, depois por não se encaixar em categoria nenhuma.

Os questionamentos de Jess ilustram, de certa forma, as possibilidades em termos de diferentes corpos e em termos da multiplicidade de feminilidades e masculinidades fora dos modelos hegemônicos de coerência de gênero. Os sujeitos que não se encaixam nesses modelos hegemônicos, como Jess e as *he-shes* de *Stone Butch Blues*, sentem o fardo do estigma de serem “incoerentes em relação ao gênero” emprestando o termo de Judith Butler. A ideia por trás do conceito de “incoerência de gênero” ou “descontinuidade” é que alguns indivíduos “[...] os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas” de acordo com Butler (1990, p. 38). Assim sendo, como uma personagem cuja ininteligibilidade em termos de gênero coloca-a/o no interstício de feminilidade e masculinidade, Jess mostra os problemas encontrados por indivíduos que transitam as órbitas das subjetividades *queer*, transexual e transgênero, enquanto retrata as possibilidades de extensão do alcance da legibilidade *queer* em resposta a essas questões.

Como Butler argumenta, o termo “*queer*,” já partindo de um espaço de contestação, será inevitavelmente reempregado em favor de outros termos mais politicamente relevantes (1993, p. 228). Assim acontece quando lidamos com narrativas que perturbam as linhas que supostamente definem as subjetividades *queer*, transgênero e transexual, e, como tal, “pedem um eixo teórico de sexualidade

[. . .] diferente do de gênero” como Jay Prosser argumenta (2006, p. 258). Pois, descontado o fato de “*queer*” ser por si só um episteme imbuído de polissemia, o termo está invariavelmente ligado a uma ideia de cruzamento de fronteiras e de mobilidade que pode equivocadamente sugerir um voluntarismo ou uma agência que não são necessariamente apropriados quando se tratando de sujeitos transgêneros, por exemplo. Assim sendo, descontando o fato de que “sujeitos transgêneros, *butches* e *drag queens*, tornaram-se exemplos empíricos de performatividade de gênero, seu cruzamento ilustrando tanto a inessencialidade do sexo como a não-originalidade da heterossexualidade” como era o argumento de Butler em *Problemas de Gênero*, algumas negociações de significado relacionadas ao termo “*queer*” são especialmente problemáticas em se tratando de algumas posições contrastantes (1990, p. 261).

A narrativa de Jess ilustra isso de várias maneiras. Ao final do romance, quando Jess se depara com uma demonstração pelos direitos LGBT e é convidada/o a falar, ela/e diz:

Eu não sou um homem gay [. . .] Eu sou uma butch, uma he-she [. . .] Eu assisto a protestos e marchas do outro lado da rua. E parte de mim sente-se tão conectada a todos vocês, mas não sei se sou bem-vinda aqui. Há muitos de nós que estão olhando de fora, mas não queremos estar. (1993, p. 296, minha tradução)

As palavras de Jess podem ser vistas de duas maneiras: ao mesmo tempo que essa confissão pública é uma epifania para a personagem que passou boa parte da vida em um silêncio forçado—muitas vezes no sentido literal, como quando Jess tem a mandíbula quebrada e costurada depois de um ataque transfóbico—elas também expressam um sentimento de isolamento e ansiedade de exclusão dirigidos ao grupo que aparenta estar aberto e disposto a ouvir sua voz. Jess não se sente bem-vinda/o nesses protestos e demonstrações por diversas razões: porque ser uma *stone butch* quer dizer mais do que ser lésbica para ela/e (“é um jeito de ser diferente. Não quer dizer simplesmente que somos lésbicas”); porque ela/e não se vê exatamente nesses termos (“Não, não sou [uma mulher], sou uma *he-she*. Isso é diferente”); e porque ela/e sente hostilidade em relação às *butches* dentro desses espaços (“Eles nos expulsaram, fizeram com que sentíssemos vergonha da nossa aparência. Disseram que éramos porcos machistas, o inimigo”) (1993, p. 148, 147, 11, minha tradução).

A experiência de Jess ilustra os problemas enfrentados por indivíduos que ocupam o interstício de feminilidade e masculinidade ao tentar entrar em espaços feministas e/ou *queer* e como uma articulação de políticas diversificadas torna-se fundamental nessas instâncias. Jess sente a necessidade por tal articulação quando ela/e diz que

Eu sei sobre lutar contra, mas eu basicamente só sei como fazer isso sozinha. É um jeito difícil de lutar, porque geralmente estou em menor número e geralmente acabo perdendo.

[. . .] Estamos apanhando e perdendo por aí. Estamos morrendo por aí. Precisamos de vocês—mas vocês precisam de nós também [. . .] Eu não sei o que é preciso para realmente mudar o mundo. Mas será que não podíamos nos juntar para tentar descobrir isso? Será que esse ‘nós’ não poderia ser maior? Será que não há uma maneira de ajudarmos as batalhas uns dos outros de maneira de que não nos sintamos sempre tão sozinhos? (1993, p. 296, minha tradução)

O foco deste trabalho é, portanto, justamente esse “nós” clamado por Jess. Como exatamente o *queering* do gênero corporificado poderia ajudar no processo de criação desse “nós” que poderia ser maior, como Jess deseja, e de quais maneiras uma política de coalizão poderia ajudar a responder a essa questão.

Primeiramente, é importante entender como ao longo da trajetória de Jess na narrativa, começando pela infância, ela/e já se mostra como a “incoerência de gênero” corporificada. No início da história, Jess fala de como sua ininteligibilidade de gênero começou quando criança:

Eu não queria ser diferente. Eu desejava ser tudo que os adultos queriam, para que me amassem. Eu seguia todas as suas regras, tentava ao máximo agradar. Mas havia algo a meu respeito que fazia com que franzissem suas sobrancelhas. Ninguém tinha um nome para o que havia de errado comigo. Isso era o que fazia com que eu sentisse mais medo de que fosse realmente mau. Eu só aprendi a reconhecer sua melodia através do refrão constante: ‘é um menino ou uma menina?’ (1993, p. 13, minha tradução)

As regras que Jess tenta tanto seguir são o que Butler chama de normas de inteligibilidade cultural, e elas ditam o reino de aceitabilidade e inaceitabilidade em termos de corpos. Ao falhar em se conformar a essas normas, Jess inadvertidamente questiona o sistema binário de sexo e desestabiliza suas categorias. O mesmo fenômeno seria acentuado mais tarde em sua vida, depois de uma mastectomia dupla e de um período tomando hormônios masculinos:

Antes, estranhos tinham raiva de mim por eu ser uma mulher que cruzava uma barreira proibida [por ser uma *butch*]. Agora eles não sabiam qual era o meu sexo, e isso era inimaginável, assustador para eles. Mulher ou homem—o chão desmoronava sob seus pés quando eu passava. (1993, p. 224-5, minha tradução)

Essa incoerência de gênero é assustadora para a maior parte das pessoas que Jess encontra ao longo do romance e é a razão para o constante abuso e assédio aos quais é submetida/o.

Jess habita um corpo *queer*, um corpo que é artificialmente construído e situado longe de uma noção essencializada de feminilidade e masculinidade, ou, como diria como Jack Halberstam em relação ao corpo transgênero, um “lugar contraditório do pós-modernismo” (1998, p. 18, minha tradução). Esse lugar contraditório do corpo artificialmente construído perturba o “fluxo constante entre gênero e anatomia, sexualidade e identidade, prática sexual e performatividade” e transtorna a ilusão de ‘naturalidade’ de tais fluxos (1998, p. 139, minha tradução). O efeito dessa corporificação é visto ao longo da narrativa como uma perda da segurança ontológica, enfatizada pela pergunta do narrador: “Quem era eu agora—mulher ou homem?” (FEINBERG, 1993, p. 222, minha tradução).

Jess poderia ser vista/o como um exemplo do conceito do ciborgue, de Donna Haraway, como uma

criatura num mundo pós-gênero; [sem] traquejo com a bissexualidade, simbiose pré-edipiana, trabalho não alienado ou outras seduções de integralidade orgânica através de uma apropriação final de todos os poderes das partes em prol de uma unidade superior. (1991, p. 150, minha tradução)

Um ser híbrido, o ciborgue rejeita a ideia de unidade ou de identidade em qualquer sentido, pois “identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas” e portanto pede por uma “política da frente unida” (1991, p. 155, 151, minha tradução). Essa frente unida seria atingida através de coalizões, em uma política de afinidade ao invés de identidade (1991, p. 155). É talvez essa a noção de uma frente unida que Jess pede quando ela/e questiona se talvez não exista a possibilidade de ter um ‘nós’ que seja maior e que possa incluir sujeitos como ela/e.

Essa procura por uma política inclusiva é marcada por dois momentos distintos no romance. O primeiro momento sinaliza os limites de uma política de identidade para sujeitos como Jess. De início, Jess considera a descoberta desse

lugar de discussão política libertadora:

Era 1968. Revolução vislumbrava no horizonte [. . .] Foi o trabalho de Theresa na universidade que abriu uma janela, permitindo que eu sentisse o furação de mudança porvir. Ela trouxe para casa folhetos, panfletos, e trabalhos *underground*. Eu li sobre o *Black Power* e sobre Libertação feminina [. . .] Um dia ela deixou uma cópia do *The Ladder* no sofá. Era uma revista produzida por um grupo chamado *Daughters of Bilitis*. Eu não sabia quem *Bilitis* era, eu nunca tinha visto nada sobre mulheres como nós em materiais impressos antes. (1993, p. 124, minha tradução)

Mas apesar da metáfora da janela se abrindo e da animação de finalmente entrar em contato com mulheres cujas histórias e lutas fossem semelhantes à sua, a narrativa vai justamente para a direção oposta quando as lésbicas da universidade excluem-nas e tiram sarro de Theresa por ser uma *femme*. Como Jack Halberstam menciona em **Female Masculinity**, “depois do surgimento do feminismo lésbico nos anos 1970, [. . .] algumas mulheres rejeitaram *butch-femme* e as suas formas de interpretação de papéis como uma forma grotesca de mímica heterossexual” (1998, p. 121, minha tradução). Para elas, *femmes* sofriam “lavagem cerebral” e *butches* eram

porcas machistas [. . .] Elas traçam uma linha—mulheres de um lado e homens no outro. Então mulheres que elas acham que se parecem com homens são o inimigo. E mulheres que se parecem com [Theresa, ou seja, *femmes*] estão dormindo com o inimigo. [As *femmes*] são femininas demais para o gosto delas. (1993, p. 135-36, minha tradução)

Essa atitude invariavelmente exclui tanto Jess quanto Theresa de qualquer possibilidade de juntarem-se ao movimento. Assim sendo, fica claro que no contexto do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, uma visão essencializada da categoria Mulher nas hostes feministas, característica da segunda onda do movimento, predomina no romance. Além disso, essa visão é claramente delineada por um sistema de categorias binário: ou feminino ou masculino, sem espaço para quem está no meio. Halberstam argumenta que *butches* como Jess são

corpos *dykes* colocadas em algum lugar na fronteira entre masculinidade feminina e subjetividade transgênera e parecem provocar um ultraje não provocado não somente de uma sociedade conformista em relação a gênero, que não consegue compreender o gênero *stone butch* ou desejo *stone butch*, mas também de dentro da subcultura *dyke*, onde a *stone butch* tende a ser lida como frígida,

disfórica, misógina, reprimida, ou simplesmente pré-transexual. (1998, p. 124, minha tradução)

Essa definição ajuda a explicar a dupla exclusão sentida por Jess, que é isolada/o tanto pela sociedade que quer manter a estabilidade do sistema sexo-gênero como pela comunidade *dyke*, representada no romance pelas lésbicas na universidade, que vêem Jess como alguém que deveria fazer parte de suas hostes mas que cruzou para o lado do inimigo.

A segregação de Jess dos encontros e do ativismo das lésbicas feministas na universidade traz à mente vários casos reais de pessoas que foram rejeitadas, denunciadas, ou excluídas de organizações feministas ou eventos por não se encaixarem em um corpo coerente que reproduza a ideia essencializada de Mulher. Para citar apenas um desses exemplos, recorro ao livro **Transsexual Empire: The Making of the She-Male** (1979), escrito por Janice Raymond, e o debate que sucedeu sua publicação.

Em **Império Transexual**, Raymond ataca Sandy Stone, uma transexual, por “posar” como mulher e “ousar” trabalhar como engenheira de som na Olivia Records, um coletivo feminista de música. Raymond alega que transexuais estupram corpos femininos ao apropriarem-se desses corpos para si e por invadirem espaços voltados às mulheres, como a Olivia Records (STONE, 2006, p. 223). Alguns anos mais tarde Stone respondeu ela mesma a essas críticas com “The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto”. Nesse artigo ela denuncia a perspectiva essencialista de Raymond e a presunção binária não-ambígua de gênero que esse tipo de raciocínio implica. Fortemente influenciada pelas ideias de Haraway, Stone clama por um novo tipo de entendimento da transexualidade, um em que não se utilize tanto a retórica do “corpo errado”, invariavelmente cúmplice do sistema binário, e que desconstrua a necessidade de passar em favor de um posicionamento político. Stone está

basicamente [. . .] rearticulando um dos argumentos por solidariedade que tem sido desenvolvido por gays, lésbicas e pessoas de cor. A comparação se estende para além. Desconstruir a necessidade por passar implica que transexuais devem assumir a responsabilidade por **toda** a sua história, que devem começar a rearticular suas vidas não como uma série de apagamentos a serviço de uma espécie de feminismo concebido dentro de uma estrutura tradicional, mas como uma ação política iniciada pela reapropriação da diferença e pela recuperação do poder do corpo refigurado e

reinscrito. (2006, p. 232, minha tradução, ênfase no original)

Stephen Whittle, em “Where Did We Go Wrong? Feminism and Trans Theory—Two Teams on the Same Side?”, questiona o foco no corpo e na ideia de um gênero “real”. Ele caracteriza o debate entre feministas e a comunidade trans como marcado pelo “desafio da própria base do pensamento feminista—de que existam dois sexos e dois gêneros”, o que previsivelmente acabaria por gerar certa fricção (2006, p. 198). Whittle cita um editorial que ele escreveu para a edição especial “Transgendering”, do **Journal of Gender Studies**, em que afirma que

[aquela edição] é uma primeira porque é composta de escritos *queer/feministas*, não um ou outro, eles **transpõem** essa fronteira, e com isso [ele] quer dizer algo bem específico. **Transpor** não é somente um “passar para o outro lado”, não é somente “misturar as fronteiras”, não é somente “misturar categorias”, mas sim um completo *queering*, através de realçamento, clarificação e desconstrução, da fronteira entre teorias *queer* e feministas, assim como a vida “real” realça, clarifica, desconstrói e então destrói todas as coisas que sabemos sobre sexo, gêneros e sexualidades. (2006, p. 202)

Portanto, uma **transposição** das fronteiras entre teoria *queer* e teoria feminista poderia provisionar uma estrutura adequada em se tratando de sujeitos que hibridamente habitam o espaço entre-lugares dessas teorias, à medida que uma noção de “identidade centrada no corpo dá lugar a um modelo que localiza subjetividades sexuais dentro e entre corporificação, lugar e prática” (HALBERSTAM, 2005, p. 5).

Aplicando tais considerações à análise de *Stone Butch Blues*, retorno agora para a distinção entre os dois momentos no romance onde Jess tenta encontrar uma política que possa incluir pessoas como ela/e. No primeiro momento, já mencionado, ela/e narra que

Achávamos que tínhamos ganhado a guerra da libertação quando abraçamos a palavra gay. Então de repente havia professores e médicos e advogados [. . .] Eles nos afastaram, fizeram com que sentíssemos vergonha da nossa aparência. Disseram que éramos machistas, o inimigo. (1993, p. 11, minha tradução)

No segundo momento do romance, quando Jess é atraída/o para uma demonstração LGBT, ela/e finalmente se depara com uma política de afinidade ao invés de uma política de identidade e é, desse modo, aceita. Dessa vez, ela/e não é



excluída/o do movimento por quaisquer razões dadas anteriormente para afastar Theresa e ela. Pelo contrário, ela/e é convidada a falar e compartilhar sua história com o resto das pessoas assistindo ao protesto. A diferença entre esses dois momentos é notável:

No momento que subi as escadas do metrô na Rua Christopher, ouvi uma voz ampliada dizer as palavras lésbica e gay. Quando emergi ao nível da rua encontrei-me no meio de uma multidão de centenas assistindo a um protesto liderado por pessoas no microfone. Eu já tinha visto demonstrações de gays nas ruas antes. [ . . ] Mas eu sempre ia embora me sentindo de fora daquele movimento e sozinha. Dessa vez uma voz me parou. Era um jovem que pegou o microfone e, com uma voz forte, tremendo de emoção, descreveu ser segurado e forçado a assistir ao seu amante sendo espancado até a morte. [ . . ] Ele entregou o microfone para uma mulher com turbante africano. Ela urgia que outros viessem ao microfone para falar [ . . . ] Quando ela desceu do palco eu pensei: Isso é coragem. Não é só sobreviver ao pesadelo, é fazer algo com ele depois [ . . ] É tentar se organizar para mudar as coisas. E de repente eu me senti tão mal por conta do meu próprio silêncio que precisei falar também [ . . . ] Aproximei-me do palco, perto de achar minha voz. A mulher na mesa olhou diretamente para mim. 'Você queria falar algo?' [ . . ] 'Venha aqui então, irmão,' ela incitou. (295-6, minha tradução)

Esse segundo momento no romance é marcado pela inclusividade de uma política de coalizão, uma política que abarca indivíduos como Jess que têm problemas em se encaixar em categorias unificadas e que poderiam ser chamados de *queer*. Como um termo de afiliação, '*queer*' invariavelmente será insuficiente e irá previsivelmente excluir algumas práticas e sujeitos que se propõe a representar. É talvez essa característica que trabalhe melhor em função de uma política de coalizão, à medida que os limites de '*queer*' como categoria são sendo constantemente redesenhados e contestados para que alianças obtenham sucesso.

É justamente a instabilidade de '*queerness*' como termo que permite o seu alcance e a possibilidade de alianças. Essas coalizões estratégicas incluiriam uma variedade de sujeitos que talvez só parcialmente se relacionem com as agendas *queer*, transgênero e feminista, mas que, mesmo assim, trabalham para um fim comum. Jay Prosser, por exemplo, ao argumentar que as identidades *queer* e trans não andam necessariamente de mãos dadas conclui que

[r]esistir a incorporação *queer* das identidades trans e dos estudos trans não quer dizer refutar o valor institucional de alianças e

coalizões [. . .] Mas uma aliança, diferentemente de uma incorporação, sugere uma união provisional ou estratégica entre partes cujos interesses não deveriam ser—na verdade não poderiam ser totalmente—unidos, sublimados em prol da coesão [. . .] do todo. (2006, p. 280, minha tradução)

O objetivo em comum dessas alianças não é formar uma união coesa ou uma nova identidade. Pelo contrário, o objetivo é trazer à tona a solidariedade vinda da diferença.

Depois do seu discurso, quando Jess desce do palco, o sentimento residual é o de solidariedade:

Eu recebi o mesmo aplauso ensurdecedor que aqueles reunidos deram a cada pessoa que juntou coragem para falar. **Para mim, o aplauso era uma resposta: sim, era possível ter esperança.** A manifestação não mudou a noite para o dia, mas eu vi pessoas falando e escutando umas às outras. Quando entreguei o microfone para mulher coordenando a mesa, ela colocou o braço nas minhas costas. “Que bom pra você, irmã”, ela suspirou no meu ouvido. Ninguém jamais havia me chamado dessa forma antes. (1993, p. 296, minha ênfase, minha tradução)

Será possível imaginar um “nós” que seja maior? Ou, em outras palavras, será possível formar alianças entre uma variedade de indivíduos com diferentes experiências e identidades em busca de um objetivo em comum? Depois de sua epifania, Jess parece pensar que sim.

## Referências

BUTLER, J. **Bodies that matter, on the discursive limits of sex.** London: Routledge, 1993.

---. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity.** New York: Routledge, 1990.

FEINBERG, L. **Stone Butch Blues.** New York: Alyson Books, 1993.

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity.** Durham and London: Duke UP, 1998.

---. **In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives.** New York and London: New York UP, 2005.

HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and the Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: \_\_\_\_\_. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature.** New York: Routledge, 1991. 149-182.

PROSSER, J. J. B. Queer Feminism, Transgender, and the Transubstantiation of Sex. In: STRYKER, S. e WHITTLE, S. (org.). **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006. 257-280.

STONE, S. The Empire Strikes Back: a Posttranssexual Manifesto. In: STRYKER, S. e WHITTLE, S. (org.). **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006. 221-235.

WHITTLE, S. Where Did We Go Wrong? Feminism and Trans Theory - Two Teams on the Same Side? In: STRYKER, S. e WHITTLE, S. (org.). **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006. 194-202.

Recebido em 01 de março de 2015  
Aprovado em 17 de abril de 2015